




Emergência Climática e Políticas Ambientais: Avaliação e Antecipação dos Riscos em Curitiba, PR

Climate Emergency and Environmental Policies: Assessment and Anticipation of Risks in Curitiba, PR




Emergencia Climática y Políticas Ambientales: Evaluación y Anticipación de Riesgos en Curitiba, PR

Autoria

Parley Lopes Bernini da Silva

-  Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
-  parleysilva@gmail.com
-  <https://orcid.org/0000-0001-9278-1235>




Maristela Helena Zimmer Bortolini

-  Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
-  maristelabortoliniufsc@gmail.com
-  <https://orcid.org/0000-0003-4726-2772>

Evelise Santos Sousa

-  Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
-  evelise.sousa.ufsc@gmail.com
-  <https://orcid.org/0009-0005-3681-8618>

Maurício Fernandes Pereira

-  Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
-  mfpccris@gmail.com
-  <https://orcid.org/0009-0009-8662-2815>

RESUMO

Contexto e objetivo: Este estudo objetiva analisar as políticas ambientais implementadas no município de Curitiba, localizado no estado do Paraná-Brasil e sua correlação com a antecipação e redução dos riscos, revelados pela emergência climática. O foco está em compreender, inicialmente no campo teórico, como a gestão municipal os avalia, representa e responde, bem como, na pesquisa de campo, gerenciam os custos associados às suas ações ou inações nesse contexto. **Metodologia:** Utilizando uma abordagem metodológica qualitativa, inicialmente realizou-se uma revisão bibliográfica das teorias de Ulrich Beck sobre a Sociedade de Risco Mundial e de Serge Moscovici sobre a Representação Social e como se aproximam para compreender a problemática das Mudanças Climáticas Globais. **Resultados e contribuição:** Por fim, os resultados empíricos oportunizam estabelecer um enquadramento teórico-analítico capaz de contribuir para pesquisas qualitativas que abordem os sistemas de pensamento e a antecipação dos gestores políticos diante da emergência climática e das sociedades de risco mundial enquanto objeto físico, mas também social (que precisa ser antecipado, debatido e ressignificado). Questão essa que se faz presente e necessária na contemporaneidade.

Palavras-chave: Curitiba-PR. Mudanças Climáticas. Políticas Ambientais. Sociedade de Risco.

ABSTRACT

Context and objective: This study aims to analyze the environmental policies implemented in the municipality of Curitiba, located in the state of Paraná, Brazil, and their correlation with the anticipation and reduction of risks revealed by the climate emergency. The focus is on understanding, initially in the theoretical field, how municipal management evaluates, represents, and responds to these risks, as well as, in field research, how they manage the costs associated with their actions or inactions in this context. **Methodology:** Using a qualitative methodological approach, a bibliographic review of Ulrich Beck's theories on the World Risk Society and Serge Moscovici's theories on Social Representation was initially conducted, and how they converge to understand the problem of Global Climate Change. **Results and contribution:** Finally, the empirical results provide an opportunity to establish a theoretical-analytical framework capable of contributing to qualitative research that addresses the thought systems and anticipation of political managers in the face of the climate emergency and world risk societies as a physical object, but also a social one (which needs to be anticipated, debated, and re-signified). This is a question that is both present and necessary in contemporary times.

Keywords: Curitiba-PR. Climate Change. Environmental Policies. Risk Society.

RESUMEM

Contexto y objetivo: Este estudio busca analizar las políticas ambientales implementadas en el municipio de Curitiba, ubicado en el estado de Paraná, Brasil, y su correlación con la anticipación y reducción de los riesgos revelados por la emergencia climática. El enfoque se centra en comprender, inicialmente en el ámbito teórico, cómo la gestión municipal evalúa, representa y responde a estos riesgos, así como, en la investigación de campo, cómo gestiona los costos asociados con sus acciones o inacciones en este contexto. **Metodología:** Utilizando un enfoque metodológico cualitativo, se realizó inicialmente una revisión bibliográfica de las teorías de Ulrich Beck sobre la Sociedad Mundial del Riesgo y las teorías de Serge Moscovici sobre la Representación Social, y cómo convergen para comprender el problema del Cambio Climático Global. **Resultados y contribución:** Finalmente, los resultados empíricos brindan la oportunidad de establecer un marco teórico-analítico capaz de contribuir a la investigación cualitativa que aborda los sistemas de pensamiento y la anticipación de los gestores políticos ante la emergencia climática y las sociedades mundiales del riesgo como un objeto físico, pero también social (que necesita ser anticipado, debatido y resignificado). Esta es una pregunta presente y necesaria en los tiempos contemporáneos.

Palabras clave: Curitiba-PR. Cambio climático. Políticas Ambientales. Sociedad del riesgo.

■ INTRODUÇÃO

A crescente preocupação da emergência climática e dos impactos ambientais decorrentes das atividades humanas têm impulsionado a adoção de políticas ambientais em níveis locais, nacionais e globais. No âmbito das cidades, que são por excelência objeto de amplo estudo quanto às suas alteridades, tais políticas desempenham papel fundamental na mitigação dos riscos ambientais e na promoção da sustentabilidade urbana. Neste contexto, este estudo concentra-se na cidade de Curitiba, reconhecida por suas iniciativas ambientais inovadoras e integradas, a fim de examinar de que maneira suas políticas ambientais contribuem para a antecipação e redução dos riscos ambientais associados à emergência climática.

As Mudanças Climáticas Globais (MCGs) são um evento transnacional e seus impactos desregulam as economias nacionais, perpassam barreiras fronteiriças e afetam os indivíduos em qualquer lugar que estejam (especialmente àqueles em situação de maior vulnerabilidade -majoritariamente presentes nos países em desenvolvimento-), demonstrando assim um desafio do século XXI (Organização das Nações Unidas [ONU], 2015; 2023). Exige-se, pois, que a abordagem local ocorra numa posição estratégica e integrada, sobretudo com a cooperação regional/nacional/internacional capaz de propor um desenvolvimento aos problemas globais existentes (políticas de proteção climática; gerenciamento de riscos; fontes renováveis de energia, etc.)^[1].

Nesse contexto, tratar das MCGs e “reforçar a resiliência e a capacidade de adaptação a riscos relacionados ao clima e às catástrofes naturais em todos os países” (ONU, 2023) torna-se uma questão que exige a interdisciplinaridade e multidimensionalidade das diversas áreas do saber como Política, Ecologia, Administração, Direito, Relações Internacionais e Sociologia para compreender e interpretar essa nova realidade que é cercada por desafios para as instituições e indivíduos, os quais estão presentes numa sociedade global e industrializada (Beck, 2011; 2018; 2021) partilhando -em maior ou menor fluxo- de riscos e instabilidades climáticas.

Entende-se, portanto, que a noção de risco teria sua parte objetiva, a qual revela-se e determina-se por aquilo que é mensurado quantitativamente (cálculos técnicos, relatórios) e subjetiva (as expectativas, as representações sociais do risco e os significados dados individualmente/coletivamente sobre as incertezas globais que afetam a vida cotidiana). Na qualidade de figura cognitiva e complexa, transitaria entre a segurança/estrago e a sua percepção/antecipação determinaria o pensamento e as práticas coletivas do grupo frente a esse contexto.

Nessa perspectiva, a utilização da Teoria das Representações Sociais (TRS), de Serge Moscovici (1978; 2003) teria sua aplicabilidade em compreender uma modernidade reflexiva a qual também necessita de uma ciência reflexiva haja vista que “mais urgente do que nunca, precisamos de esquemas de interpretação que nos façam [...] repensar a novidade que nos atropela e que nos permita viver atuar com ela” (Beck, 2021: 14).

Noutros termos, apropriar-se da TRS tem sua valia posto que tem por função a elaboração de comportamentos e interpretação de uma realidade a qual é socialmente construída (Moscovici, 1978) que, somada à Teoria da Sociedade de Risco Global (TSRG), contribuiria numa análise teórico-prática para interpretar e apropriar um conhecimento que necessita de contextualização (a compreensão das emergências climáticas), retrabalhando-o/elaborando-o num conhecimento novo (a representação social da antecipação dos riscos) para compreender teórico-empiricamente o conceito.

Para tal, a cidade^[2] de Curitiba (Paraná/Brasil) tornou-se objeto da pesquisa, no sentido de analisar as políticas e sua correlação com a antecipação e redução dos riscos, revelados pela emergência climática. O foco está em compreender como a gestão municipal os avalia, representa e responde, bem como como gerenciam os custos associados às suas ações ou inações nesse contexto.

Teoria da Sociedade de Risco: Notas Introdutórias e Esquemáticas^[3]

A Teoria da Sociedade de Risco (TSR) é um conceito definido pelo sociólogo Ulrich Beck na década de 1980 para descrever os riscos sociais, econômicos, químicos, nucleares, ambientais, informacionais, etc. os quais emergiriam nas sociedades industrializadas modernas. Tais riscos seriam dessemelhantes daqueles entendidos como riscos tradicionais (terremotos, por exemplo), haja vista sua natureza global a qual dificultaria prever/controlar -tendo consequências potencialmente catastróficas-.

Sua obra *Risikogesellschaft: auf dem Weg in eine andere Moderne* de 1986 (traduzido em português como *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*), é frequentemente citado como clássico para compreender analiticamente o conceito de SR, uma vez que Beck (2011; 2018; 2021) evidencia que o final do século XX foi marcado exponencial mudança de uma sociedade industrial para uma sociedade de risco, de maneira que a gestão de riscos se tornou uma preocupação central e constante da sociedade.

Uma vez estando fora dos padrões científicos, tais eventos extremos geram catástrofes mais visíveis, os quais resultam numa interrupção do cotidiano de comunidades e/ou sociedades, bem como perdas materiais, econômicas e de saúde (causando mortes imediatas e/ou posteriores) para além de incertezas que -até então- não puderam ter legitimação e cientificação dos riscos numa modernidade reflexiva e autoconfrontativa^[4].

A noção dos riscos imediatos e sua antecipação, posto isso, demonstraria que a modernidade reflexiva oferta análises à sociedade de risco que, por sua vez, revela-se pelos processos de globalização (Beck, 2021), individualização e instabilidades ambientais (Sampaio & Vieira, 2022). Beck reconhece que as sociedades sempre estiveram expostas a riscos, todavia é no final do século XX que se faz um aumento significativo no número e na magnitude dos riscos enfrentados por indivíduos e comunidades (inserindo-se também no campo científico, onde de pesquisadores começaram a explorar as implicações de armas nucleares, aquecimento global e outros riscos ambientais e tecnológicos complexos). Esses riscos, por vezes complexos e

incertos, limitam aos formuladores de políticas e ao público compreendê-los e gerenciá-los. Para superar isso, delimita cinco teses que demonstram uma SR, a saber:

- **Tese 1.** *Riscos podem ser aumentados, diminuídos ou alterados à percepção humana*, podendo escapar da percepção humana imediata visto que são produzidos em estágios avançados (exemplo: a energia nuclear se dá fora “dos olhos” das pessoas e, por isso, para reconhecerem o risco precisam ser “reconhecidos” pelo conhecimento científico para tornarem reais, ainda que estejam abertos aos processos sociais de definição e/ou percepção);
- **Tese 2.** *As desigualdades das classes sociais retardam/alastram a distribuição dos riscos, o qual não pode ser evitado.* Ainda que a classe mais rica seja capaz de adiar os riscos, ela não é capaz de fugir da lógica distributiva de “os riscos da modernidade cedo ou tarde acabam alcançando aqueles que os produziram ou que lucram com eles” (Beck, 2021: 27);
- **Tese 3.** *A expansão dos riscos não altera a lógica capitalista de desenvolvimento, mas sim aumenta seu status.* Por exemplo: entende-se que a pauta ambiental é emergente e necessária, mas desmata-se para plantio e/ou criação de gado, ao invés de propor uma otimização das áreas para maximizar o plantio e/ou criação. Assim, “a fome pode ser saciada, necessidades podem ser satisfeitas, mas os riscos civilizatórios são um barril de necessidades sem fundo, interminável, infinito, autoproduzível” (Beck, 2021: 28);
- **Tese 4.** *O conhecimento sobre os riscos assume ampla relevância política.* A quantidade de riqueza acumulada afeta toda sociedade num antagonismo: uma minoria fica com a riqueza advinda do risco, mas os problemas afetam a todos (ainda que em maior/menor escala). “Consequentemente, o potencial político da sociedade de risco tem de se desdobrar e ser analisado numa sociologia e numa teoria do surgimento e da disseminação do conhecimento sobre os riscos” (Beck, 2021: 28);
- **Tese 5.** *Os riscos quando socialmente reconhecidos exigem combate às suas causas.* Uma vez percebidos os riscos emergem não só a preocupação, mas seus efeitos colaterais que transitam no espectro econômico, social e políticos. “Emerge assim na sociedade de risco, em pequenos e em grandes saltos – em alarmes de níveis intoleráveis de poluição, em casos de acidentes tóxicos etc. –, o potencial político das catástrofes [...] A sociedade de risco é uma sociedade catastrófica. Nela, o estado de exceção ameaça converter-se em normalidade” (Beck, 2021: 28).

O foco de Beck (2016; 2018; 2021) são as transições: reconhece a inexistência de uma sociedade fundamentalmente inserida no risco, mas enfatiza que a sociedade contemporânea se distancia da sociedade industrial, indo a caminho de uma modernidade tardia, globalizada, reflexiva e radicalizada (que partilha, distribui e socializa oportunidades e incertezas). Utilizar e abordar da TSRM é compreendê-la como um conceito que evidencia o fato de que as sociedades industriais modernas são caracterizadas por uma maior consciência dos riscos/incertezas e, como tal, colocadas numa cooperação transnacional -ora que as ameaças perpassam delimitações geográficas- e de responsabilidade global orientada ao futuro.

Outro aspecto importante da SR é a forma como os riscos são comunicados e percebidos. A mídia desempenha um papel crucial na formação da percepção pública dos riscos, muitas vezes amplificando certos riscos enquanto minimiza outros. Isso pode levar a um nível desproporcional de preocupação com alguns riscos, negligenciando outros que podem ser tão ou mais importantes. Além disso, como constatado em suas teses, as formas como os riscos são gerenciados também podem ser influenciadas por fatores políticos e econômicos.

Entender o risco é, em suma, enquadrá-lo como uma característica universal da sociedade moderna (e porque não dizer reflexiva^[5]) a qual deve-se aprender a conviver com ele. Com isso, “os riscos globais confrontam-nos com o outro aparentemente excluído. Derrubam fronteiras nacionais e misturam o nativo com o estrangeiro. O outro afastado torna-se o outro interno – não na sequência da migração, mas sim de riscos globais” (Beck, 2021: 42-43).

As MCGs, como um fenômeno de risco, representam um desafio global que ordena uma análise minuciosa daquilo que já se faz presente e também das perspectivas relacionadas a natureza e da sociedade reflexiva, pois: os problemas ambientais “não são problemas do meio ambiente, mas problemas completamente – na origem e nos resultados – sociais, problemas o ser humano, de sua história, de suas condições de vida, de sua relação com o mundo e com a realidade, de sua constituição econômica, cultural e política” (Beck, 2011, p.99). Em conclusão, entender a sociedade de risco é essencial para compreender as formas pelas quais os riscos são produzidos, gerenciados e comunicados nas sociedades modernas.

Em conclusão, entender a sociedade de risco é essencial para compreender as formas pelas quais os riscos são produzidos, gerenciados e comunicados nas sociedades modernas. Ao entender a sociedade de risco, pode-se desenvolver estratégias mais eficazes para gerenciar riscos e promover maior resiliência social que se insere num espectro de incerteza, como a sua representação social que se torna objeto de disputas e ressignificações.

A Teoria da Representação Social: a aproximação do imaginário?

O pioneirismo do conceito de representação é creditado ao sociólogo Émile Durkheim e Marcel Mauss, definindo-o Representações Coletivas (RC). Para os autores, a RC é definida como o conjunto de crenças, valores e atitudes socialmente compartilhadas e que existem dentro de um grupo de pessoas. A RC é por excelência da Sociologia num tripé estabilidade/generalidade/coercitividade que transitaria numa cristalização -e que apresenta coerção ao indivíduo para cumpri-la- ou evidenciam num momento de efervescência^[6].

Já a Representação Social (RS^[7]) advém do trabalho de doutoramento desenvolvido por Serge Moscovici nomeado *La psychanalyse: son image et son public* o qual, propõe distanciar do conceito da RC evidenciando que a RS é definida como um entendimento comum ou conhecimento compartilhado por um grupo de indivíduos dentro de uma sociedade, o qual constrói e interpreta a realidade social. Nesse sentido, e propondo desvincular do conceito de Durkheim e Mauss, as RS podem ser categorizadas em diferentes tipos com base na forma como são formadas, mantidas e transmitidas (o que, até então não seria concebível na RC que é *in natura* coercitiva).

Uma das principais características da RS é sua capacidade de moldar a maneira como os indivíduos pensam e se comportam a determinado fenômeno. Dado o exposto, a RS é uma maneira de entender como as pessoas dão sentido ao seu mundo e como elas comunicam essa compreensão aos outros, desempenhando um papel ativo na formação dos pensamentos e comportamentos do grupo, pois influencia e dá sentido a maneira como percebem e interagem com o mundo ao seu redor (Jodelet, 1984).

Logo, é um fenômeno social que advém do sistema de significados criados pelos indivíduos, ofertando sentido a determinado fenômeno e a comunicar essa compreensão aos outros (Moscovici, 1978; 1988; 2001; 2003). Com isso, se constrói a partir daquilo que se está em evidência e, como tal, passível de diversos discursos, falas, notícias, controvérsias, etc. (Moscovici, 2003: 41) adverte que “representações obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso para se compreender e explicar uma representação é necessário começar com aquela ou aquelas das quais ela nasceu”. Mais ainda, Jodelet (1984) apresenta seis abordagens²⁵ que constituem a RS, sendo-as:

- (i.) *a primeira abordagem considera a perspectiva cognitiva do assunto na atividade representativa e social. Desse modo, a RS se constrói/consolida no momento em que o assunto está em situação de interações sociais e/ou de frente a um estímulo social;*
- (ii.) *a segunda privilegia os aspectos significantes da representação social, o qual é retentor de sentido. Noutros termos, os sentidos relacionados a determinado assunto exprimem-se nas experiências de mundo por parte do grupo social, uma vez que ele por si só, é detentor de sentido.*
- (iii.) *a terceira contempla as representações na perspectiva dos discursos. A comunicação se torna instrumento de pertença social, onde o mesmo grupo (com)partilha de determinado significado, apresentam códigos socialmente valorizados e reconhecidos na sociedade e, não menos importante, os assuntos têm por finalidade consolidar o que é aceito no senso comum;*
- (iv.) *a quarta abordagem dá ênfase na prática social em sentido stricto do termo. Equivale dizer que o indivíduo, na qualidade de ator social, condiciona-se as RS das normas sociais e institucionais que decorrem da posição ou ideologias vinculadas ao espaço social que ocupa.*
- (v.) *já a quinta focaliza na dinamicidade que é intrínseca às representações. Tal fato é determinístico para que a RS apresente maior/menor interações entre os membros de determinado grupo, bem como aos grupos que também contribuam para a sua construção;*
- (vi.) *a última abordagem trata do aspecto sociológico da representação social. Logo, estuda e interpreta as manifestações das representações num quadro teórico de que existe na coletividade a reprodução de determinados modelos de pensamento que são socialmente constituídos. Equivale dizer que todo indivíduo é determinado pelas ideologias dominantes na qual (con)vive.*

Para além do que foi apresentado, a RS é fruto de uma relação sociocultural (Jodelet, 1993; 2001; Chamon, 2009), da cognição (mas não se limita a) e da compreensão do mundo. Em seu núcleo estão as crenças, os valores e práticas socialmente compartilhadas as quais assumem múltiplas formas (linguagem, símbolos e tradições culturais) e desempenham um papel crítico na formação da maneira como os indivíduos percebem e interagem com o mundo no que se refere ao seu repertório individual, a troca social e a subjetividade que constrói seu conhecimento (Bernini Silva, 2022) por intermédio da ancoragem^[8] e objetivação.

Em síntese, a RS desempenha um papel crítico na formação da maneira como os indivíduos percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Ao fornecer um conjunto compartilhado de crenças, valores e práticas, ajuda a criar um senso de coesão social e identidade comum entre os membros de uma sociedade ou grupo social, ao mesmo tempo em que influencia nossa compreensão de questões e problemas sociais. Como tal, perceber o papel da representação social na sociedade é uma parte importante para obter uma compreensão particularizada e densa da complexidade existente na dinâmica social a qual molda nosso mundo, como a questão da antecipação dos riscos, de onde essa pesquisa se extrai.

O locus da pesquisa: Curitiba, Paraná, Brasil^[9]

Curitiba é a capital do Paraná, um dos três Estados que compõem a Região Sul do Brasil. A cidade é tradicionalmente referenciada como lugar de tradição em conservação ambiental e planejamento urbano, “também nas ações contra as mudanças climáticas e busca por resiliência, com a adoção de energias renováveis e projetos de ampliação de reservas hídricas” (Curitiba, 2023).

No século XX, no cenário da cidade planejada, a indústria se agregou com força ao perfil econômico antes embasado nas atividades comerciais e do setor de serviços. A cidade enfrentou, especialmente nos anos 1970, a urbanização acelerada, em grande parte provocada pelas migrações do campo, oriundas da substituição da mão-de-obra agrícola pelas máquinas. Em dias atuais tem como desafio repensar suas atividades para o desenvolvimento sustentável (Curitiba, 2023).

Em dias atuais atua fortemente no combate às mudanças climáticas - com apoio e recursos da Rede de Cidades Unidas às mudanças Climáticas C40- e redução de emissão dos gases de efeito estufa. A rede C40 (Rede de Grandes Cidades para Liderança Climática) é um grupo que conecta prefeitos de quase 100 cidades no mundo, além de líderes de diversos setores da sociedade para discutir medidas urgentes e de grande impacto no enfrentamento da crise climática.

A rede C40 (Rede de Grandes Cidades para Liderança Climática) é um grupo que conecta prefeitos de quase 100 cidades no mundo, além de líderes de diversos setores da sociedade para discutir medidas urgentes e de grande impacto no enfrentamento da crise climática. A rede representa mais de 582 milhões de pessoas e reflete um quinto da economia global. Os prefeitos das cidades C40 estão comprometidos em usar uma abordagem inclusiva, baseada na ciência e colaborativa para reduzir sua parcela justa de emissões pela metade até 2030, ajudar o mundo a limitar o aquecimento

global a 1,5°C e construir comunidades saudáveis, equitativas e resilientes (Curitiba, 2023).

A rede representa mais de 582 milhões de pessoas e reflete um quinto da economia global. Os prefeitos das cidades C40 estão comprometidos em usar uma abordagem inclusiva, baseada na ciência e colaborativa para reduzir sua parcela justa de emissões pela metade até 2030, ajudar o mundo a limitar o aquecimento global a 1,5°C e construir comunidades saudáveis, equitativas e resilientes.

Outras ações podem ser destacadas por parte da cidade, como: enfrentamento da crise hídrica com perfuração de poços artesianos (Mais Água); plantio de 100 mil árvores nativas/ano desde 2019 (Mais Verde); realização de obras de perfilamento, muros de contenção, drenagem, dragagem, desassoreamento e implantação de 100% da rede de esgoto -atualmente em 96%- são algumas das diversas ações realizadas pela gestão municipal (C40 Cities [C40], 2024).

Mais ainda, a cidade também investe em programas de educação ambiental, trabalhando em escolas, comunidades e empresas para conscientizar sobre a importância da preservação ambiental e promover práticas sustentáveis. Por fim, mas não menos importante, desenvolve relatórios anuais de risco que servem de instrumento para compreender a sua realidade atual, bem como a antecipação de questões emergentes, como a emergência climática.

■ MÉTODOS

Tendo, *a priori*, aporte na pesquisa bibliográfica e documental, apresenta as categorias analíticas Sociedade de Risco e Representações Sociais no sentido de estabelecer um quadro teórico-conceitual e aproximá-las reflexivamente de casos empíricos. Já para pesquisa de campo, objetiva-se utilizar de multimétodos para compreender a realidade local e como estabelecem/constroem o conjunto de políticas ambientais orientadas a minimizar os impactos das mudanças climáticas, na representação da obtenção de sustentabilidade e sua participação nas redes de cidades ecológicas que priorizam (dentre outros temas) a consciência de que as atividades locais impactam diretamente num contexto global.

■ RESULTADOS

Nos resultados teóricos, notou-se a oportunidade de estabelecer um diálogo entre as teorias, que convergem para um enquadramento teórico-analítico de modo que possa entender/contextualizar uma realidade atual e compartilhada. Os resultados preliminares indicam que os gestores municipais de Curitiba reconhecem a importância da antecipação dos riscos ambientais decorrentes da emergência climática e implementam uma variedade de medidas para mitigar esses riscos. No entanto, são identificadas limitações relacionadas à alocação de recursos e à capacidade de resposta diante de eventos extremos. A discussão destes resultados envolve a análise das

estratégias adotadas pelos gestores municipais para lidar com os desafios ambientais, bem como as possíveis áreas de melhoria nas políticas e práticas existentes.

Já nos resultados empíricos, espera-se contribuir com demais pesquisas qualitativas que tratem da mesma temática, bem como ofertar estudos dos sistemas de pensamentos representacionais de atores políticos (gestores) acerca das práticas sociais e antecipação (vivências, considerações e/ou fatos experienciados) ao que lhes são presentes, neste caso pensar na emergência climática e sociedades de risco mundial.

A partir disso, este estudo destaca a relevância das políticas ambientais nas redes de cidades ecológicas para a antecipação e redução dos riscos ambientais, particularmente em face da emergência climática contribuem para uma compreensão mais aprofundada dos desafios e oportunidades enfrentados pelas cidades na promoção da sustentabilidade urbana e na gestão dos riscos ambientais.

■ CONCLUSÕES

Definir a sociedade de risco têm sua ambivalência, pois envolve múltiplos fatores interconectados que moldam nossa compreensão do risco. O significado desse conceito principal não é único, claro e específico, mas inserido no que é complexo, contraditório e controverso. Indiscutivelmente, a teoria da sociedade de risco global é central para entender essas políticas. meio ambiente, mas esse entendimento não se limita a políticas ambientais como iniciativas industriais, departamentais ou nacionais.

Em contraste, essa teoria é relevante e plausível quando pretende-se compreender e contextualizar as políticas ambientais num contexto da crise climática que, como tal, obriga estabelecer suas nações iniciativas multifacetadas: indivíduos, instituições locais, nacionais, internacionais, transnacionais e multilaterais orientam-se numa conexão do local para o global a qual é in natura multidimensional.

Ainda que tal temática se faça amplamente veiculado e interno nas Ciências Naturais, a teoria de Beck floresce e torna emergente o debate interno das Ciências Sociais. Nesse sentido, reforça que ambas as abordagens se concentram no entendimento de que a relação entre natureza e cultura está mudando. Nesse sentido, reconhecemos que a gestão adequada do risco, a partir do que foi apresentado, apresentar-se-ia como um dos principais desafios da SIR, tanto com instituições consolidadas e atuantes como com a participação e controle social efetivo.

Em suma, entende-se que os riscos sugerem não apenas o que fazer, mas o que deveria ser feito. A inação ao risco faz com que surjam novas formas de desestabilidade e desigualdades globais, desconhecendo quaisquer fronteiras e condições de classe. Em conclusão, entender a sociedade de risco é essencial para compreender as formas pelas quais os riscos são produzidos, gerenciados e comunicados nas sociedades modernas, como a questão da emergência climática e seu gerenciamento, objeto desse estudo.

■ AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Universidade Federal de Santa Catarina e ao Departamento de Administração.



REFERÊNCIAS

- C40 Cities. (2024). C40-Curitiba. Recuperado em <https://www.c40.org/pt/cities/curitiba/>
- Chamon. E.M.Q.O. (2009). *Representação Social e Práticas Organizacionais*. Rio de Janeiro: BRASPORT.
- Curitiba. (2023). *Curitiba adere ao programa da C40 para veículos de carga zero emissão de poluentes* Recuperado em <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-adere-ao-programa-da-c40-para-veiculos-de-carga-zero-emissao-de-poluentes/69666>
- Beck. U. (2011). *Sociedade de Risco rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Ed. 34.
- Beck. U. (2018). *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beck. U. (2021). *Sociedade de risco mundial: em busca da segurança perdida*. Lisboa-Portugal: Edições 70.
- Bernini Silva, P.L. Análise Sistemática da Teoria das Representações Sociais: Oportunidades e Campos de Pesquisa. *Revista Científica da UMC*. Recuperado em <http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/1721>.
- Durkheim, E. (1934). *Les formes elementaires de la vie religieuse*. Paris: Felix Alcan, [1st ed. 1912].
- Durkheim, E. (1970). *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Forense [1st ed. 1898].
- Durkheim, E. (1999). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes [1st ed. 1895].
- Durkheim, E. (1999). *Prefácio a segunda edição de As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes [1st ed. 1901].
- Durkheim, E. (2000). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes [1st ed. 1912].
- Fonseca. R. & Moraes. P.M. & Chamon. E.M.Q.O. (2009). *Liderança e Representação Social. Representação social e práticas organizacionais*. Rio de Janeiro: BRASPORT.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP.

- Giddens. A. & Lash. S. & Beck. U. (2012). *Modernização Reflexiva*, 2ª ed. São Paulo: UNESP.
- Jodelet, D. (1984). Representation Sociale: Phénomènes, concept et théorie. In: Moscovici, S. (Ed.) *Psychologie Sociale* (2nd ed., pp. 355-390). Paris: PUF.
- Jovchelovitch, S. (2000). *Representações sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, Editora: Vozes.
- Moraes. P.M. & Chamon. M.A. & Chamon. E.M.Q.O. (2009). Viver é muito perigoso: a Representação Social do Risco. In: Fonseca. R. (Ed.). *Liderança e Representação Social. Representação social e práticas organizacionais* (pp. 73-100). Rio de Janeiro: BRASPORT.
- Moscovici. S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici. S. (2003). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Organização das Nações Unidas (2021). *Cresce chance de temperatura subir 1,50 C temporariamente nos próximos cinco anos*. Recuperado em <https://brasil.un.org/pt-br/128832-cresce-chance-de-temperatura-subir-15%C2%B0-c-temporariamente-nos-pr%C3%B3ximos-cinco-anos>
- ONU-Brasil (2023). Organização das Nações Unidas. *Os objetivos de Desenvolvimento Sustentável – Objetivo 13: ação contra a mudança global do clima*. Recuperado em <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/13>
- Organização das Nações Unidas. (2015). *Acordos sobre o clima – Paris*. Recuperado em <https://brasil.un.org/pt-br/88191-acordo-de-paris-sobre-o-clima>
- Sampaio. C.A. & Vieira, P.F. (2022) *Ecosocioeconomias na encruzilhada do Antropoceno: Uma perspectiva sistêmica-transdisciplinar*. HALAC. Recuperado em <https://doi.org/10.32991/2237-2717.2022v12i1.p168-208>



NOTAS DE FIM

- [01] Temos como referência desta pesquisa o objetivo de nº 13 -ação contra a mudança global do clima- estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU-Brasil, 2023).
- [02] Cidade escolhida a priori.
- [03] É necessário destacar ao leitor que a construção dos referenciais se caracteriza tão-só introdutória e esquemática, eximindo -e nem mesmo tendo a intenção- de realizar uma análise crítica e/ou comparação analítica das teorias por parte de enfoques propostos por outros pesquisadores.
- [04] Utilizamos da obra de Giddens, Lash e Beck (2012) para considerar a modernidade reflexiva como auto confortativa, ou seja ela se orienta a olhar para si mesma, aos seus limites, radicalizando da modernidade simples industrial. Nesse sentido, assume o papel de modernidade de risco -sem deixar de ser industrial-, de maneira que fabrica seus próprios riscos. Beck (2021: 21) também define modernidade como “um salto tecnológico de racionalização e a transformação do trabalho e da organização”, onde se faz presente a alteração dos estilos e formas de vida -tal qual as estruturas de poder e controle-.
- [05] Nessa perspectiva, outro importante teórico da sociedade de risco é Anthony Giddens (1991). Para Giddens, a sociedade é caracterizada numa “modernização reflexiva”, onde está constantemente refletindo sobre si mesma e tentando melhorar suas próprias condições. Também enfatiza a importância da agência individual na resposta ao risco e à incerteza, bem como devemos aprender a assumir a responsabilidade por nossas próprias ações e tomar decisões informadas diante do risco. Assim, escreve que “o mundo em que vivemos hoje é um mundo perigoso. Isto tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer ou nos forçar a provar a suposição de que a emergência da modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e segura” (Giddens, 1991: 15).
- [06] Destacamos que, ao ler Durkheim (1970 [1898]; 1934 [1912]; 2000 [1912]; 1999a [1895]; 1999b [1901] há uma ambivalência que alterna a palavra representação (ora associada ao sentido de “ideias/julgamentos”, ora entendido como a categoria analítica aqui tratada). Desse modo, fazemos menção a esse fato ainda que tratemos do termo como Categoria (aquilo que organiza o pensamento, orientado a dar base ao saber).
- [07] A RS é um conceito comumente tratado na Sociologia e Psicologia Social para descrever as maneiras pelas quais indivíduos e grupos dão sentido ao mundo ao seu redor. Em seu núcleo, a representação social refere-se às crenças, valores e práticas compartilhadas que são mantidas por membros de

uma determinada sociedade ou grupo social. Essas representações podem assumir muitas formas, incluindo linguagem, símbolos e tradições culturais, e desempenham um papel crítico na formação da maneira como os indivíduos percebem e interagem com o mundo.

- [08]** Aportamos em Moscovici (1978, 2003) para conceituar ancoragem como a inserção orgânica daquilo que é estranho/inexiste no pensamento construído. Noutros termos, é inserir no repertório representacional existente aquilo que é desconhecido. Já a objetivação faz referência ao processo de criar imagens daquilo que é abstrato tornando-se concreto/tangível.
- [09]** Conforme dados obtidos no site oficial da Prefeitura de Curitiba – PR: PC [online]. Recuperado em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-e-referencia-em-programas-e-acoes-de-sustentabilidade/59236>



NOTAS

Licença de Uso

Os autores cedem à **Revista de Ciências da Administração** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a **Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International**. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Editora

Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de Ciências da Administração. Publicação no **Portal de Periódicos UFSC**. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Editores

- Rosalia Aldraci Barbosa Lavarda
- Leandro Dorneles dos Santos

Histórico

Recebido em:	26-09-2024
Aprovado em:	28-11-2025
Publicado em:	15-12-2025